

Recordar as crianças de Morélia: a literatura como espaço de construção de memória em *La Identidad Perdida*

Theresa Bachmann

Universidade Federal de Pernambuco

UM BREVE PARÊNTESES SOBRE A GENEALOGIA DAS CRIANÇAS DE MORÉLIA

Dos vários capítulos temáticos que compõem o mosaico do exílio espanhol no México, o primeiro e mais comovedor é o das crianças no desterro. O exílio, para aqueles cerca de 500 espanhóis menores de idade, teve início mesmo antes da derrota republicana na guerra civil, que viria a ocorrer em abril de 1939. No desespero das famílias em proteger os seus filhos das ameaças da guerra, muitas aceitaram a oferta e tomaram a difícil decisão de enviar suas crianças e adolescentes desacompanhados ao México. Acreditava-se, então, que aquela medida os protegeria dos perigos, privações e traumas advindos do (sobre)viver em situação de guerra.

Tal empreitada se deveu aos esforços de um grupo de mulheres mexicanas, encabeçado por Amalia Solórzano de Cárdenas, esposa do então presidente Lázaro Cárdenas, conhecido pela sua notória simpatia à causa republicana. No ano de 1937, aqueles jovens espanhóis, catalãs em sua maioria, foram enviados à cidade de Morélia, capital do estado mexicano de Michoacán, onde esperariam o cessar do perigo para dar início a um rápido retorno a casa. Esta cidade, então, concedeu-lhes o patronímico daquela terra de adoção pela qual ficariam mundialmente conhecidos – símbolo de desterro e também da distância dos pais, numa espécie de orfandade antecipada –, apontando para aquela linhagem de empréstimo: *los niños de Morelia*.

O grupo, formado por 163 meninas e 291 meninos, foi instalado no internato Escuela Industrial España-México, onde aguardaria o fim da guerra para retornar ao convívio com os seus. A vitória de Franco, no entanto, daria um novo rumo àquela história, impedindo a tão

almejada volta dessas crianças e adolescentes à Espanha. O que era para ser um abrigo temporário passou a se estender indefinidamente. Para muitos dos meninos de Morélia, o fim da guerra dava início a um longo período de espera. Dentro desse cenário de derrota, o México abriu novamente as portas à causa republicana, recebendo milhares de espanhóis que buscavam exilar-se a fim de fugir da ameaça franquista. A esperança daqueles primeiros desterrados começava a se reconfigurar – já não era a de retornar à Espanha, e sim a de que, na lista dos navios que continuavam a chegar trazendo os republicanos espanhóis ao México, constasse o nome dos seus pais.

A maioria deles não contou com aquela sorte. A derrota republicana naquele conflito agravaria ainda mais a situação daqueles jovens. O governo mexicano sucessor de Cárdenas repassou a responsabilidade da manutenção e cuidado dos jovens espanhóis ao novo exílio que passava a se estruturar. Não tardaria para que a Escuela Industrial España-México encerrasse as suas atividades. Por esse motivo, no ano de 1943, foram construídas, com recursos da Junta de Auxilio a los Republicanos Españoles (JARE), seis casas-lar, com a finalidade de abrigar os meninos de Morélia. Tais casas tinham por diretores professores espanhóis recém-chegados ao exílio e formaram parte – com vida curta – das instituições criadas pelo exílio espanhol em prol dos próprios exilados. Logo depois do encerramento das atividades das casas-lar, centenas de meninos e meninas estariam abandonados à própria sorte também em nível institucional. A maioria desses jovens jamais voltou a morar na Espanha; muitos sequer chegaram a pisar novamente em continente europeu, e um grande número também sequer voltou a ver qualquer um dos seus parentes.

O drama daquelas crianças é uma parte chocante do exílio republicano no México. Mesmo passadas tantas décadas, continua, especialmente após a virada do milênio, a ser motivo de criação em diversos gêneros: documentário – *Los Niños de Morelia*, de Juan Pablo Villaseñor, 2004 –; dramaturgia – *Los Niños de Morelia*, de Victor Hugo Rascón Banda, 2007; testemunho – *Los Niños Españoles de Morelia. El exilio infantil en México*, de Emeterio Payá Valera, 1985; e romance histórico – *El Sueño de Morelia: Memorias de una infancia en el exilio*, de Gertrudis Rodríguez Medina, 2016, e *La Identidad Perdida: La historia oculta de los niños de Morelia*, 2010, de Lola Moreno, ao qual me dedicarei de agora em diante.

A LITERATURA COMO ESPAÇO DE MEMÓRIA

As narrativas de memória nos seus amplos matizes – que contemplam as inúmeras formas de narrar, distribuídas em diversos gêneros, e as diversas faces possíveis do narrador – têm razão de ser a partir do endosso da validade e da necessidade de um contar por terceiros que pode, sim, passar pelo filtro da afetividade. Em *O que resta de Auschwitz*, por exemplo, Giorgio Agamben destaca a importância do papel da testemunha e do falar pelo outro, tomando em consideração o caso extremo de Primo Levi, que, ao sobreviver ao Holocausto, transforma-se em uma testemunha *superstes* do massacre judeu: “aquele que viveu algo, atravessou até o final um evento, e pode, portanto, dar testemunha disso” (27). Por meio das narrativas de terceiros, da qual Primo Levi torna-se um exemplo emblemático do contar, o espaço de silêncio no qual se encontra a vítima, seja pela situação de trauma que impede ou dificulta a expressão do vivido, seja devido à morte, visibiliza-se a partir da ação de outrem; estes, por sua vez, assumem a narrativa já não como a figura do narrador imparcial do discurso histórico, mas como alguém que percorreu o mesmo caminho (a testemunha *superstes*) ou, ainda, como um terceiro tocado por uma história comovente.

O contar surge impulsionado por um dever de memória. Essas narrativas de sobreviventes, compartilhadas no âmbito familiar através das gerações, daria margem à *pós-memória*, campo de estudo inaugurado por Marianne Hirsch e James Young. O termo remete à uma herança de memória traumática, tendo em vista inicialmente a memória herdada dos pais por parte dos filhos de sobreviventes do Holocausto, implicando na perdurabilidade de experiências traumáticas através das gerações. O trauma poderia, então, ser transmitido culturalmente. Como nos lembra Szurmuik:

Los críticos que usan el término posmemoria sostienen que hay características específicas de la experiencia de las generaciones marcadas por un trauma que no vivieron que no puede ser explicada exitosamente con el término memoria. . . En el caso de las experiencias traumáticas, entonces, se usa el término “memoria” para referirse a la experiencia y a la producción cultural de quienes fueron víctimas, perpetradores o testigos de un hecho traumático, mientras que la posmemoria se enfoca en los registros

culturales producidos por quienes crecen a la sombra de estos recuerdos (226).

É no contexto dessas discussões que se enquadra uma das produções recentes que retomam a história das crianças de Morélia, o romance histórico *La Identidad Perdida. La historia oculta de los niños de Morelia*, escrito por Lola Moreno, bibliotecária e escritora espanhola. Lola aventura-se no ofício da criação literária tocada por uma história que conheceu de perto tardiamente, após uma temporada no México, durante a qual entrou em contato e estreitou laços com algumas das antigas crianças de Morélia, naquele momento já então velhos veteranos.

Nesse relato ficcional, como a propósito de muitas narrativas de trauma e de dor baseadas em testemunhos, o fio que conduz a vontade de memória se desenrola através da confiança permitida por uma espécie de afeto construído entre quem relembra e quem ouve, e quem futuramente tem a – ou se vê na – incumbência de narrar. A autora o faz através do romance, endossando a ideia de que os gêneros literários podem cumprir uma importante função social.

Como bem lembra Guaraglia (96), a intersecção entre literatura e direitos humanos desemboca em um subgênero específico, cunhado, na tradição inglesa, de “the humans rights fiction”, ou, de forma mais ampla, denominado de “storytelling”. Os novos estudos que passaram a ser realizados a partir das décadas de 1970 e 1980 “comenzaron a analizar la ley como una forma particular de narrativa cultural y a la literatura como un territorio capaz de completar, poner de manifiesto o actualizar aquello que la ley ha negado u ocluído de alguna parte” (97).

Neste romance o protagonismo da vítima surge a partir de um empreendedor da memória, para utilizar o termo de Elizabeth Jelin (49), efetuado pela autora Lola Moreno. Na esteira de Medeiros-Linchem e Tezanos-Pinto, a propósito da Introdução da Revista Confluência, dedicada aos Direitos Humanos e Literatura, a literatura é também um meio de resposta à marginalização, ao abuso, à injustiça, ao crime massivo por diferença de ideologias (2); nesse contexto, escritores e escritoras têm contribuído ao processo de democratização e de liberação de povos (3).

O falar pelo outro, então, transcorre na condição de criação literária. A narração do testemunho se nota nas entrelinhas de um texto construído sob a mediação de personagens. Por meio de um

triângulo amoroso que amarra e conduz a trama, as vozes e histórias que surgem na narrativa são prontamente reconhecidas naquelas dos testemunhos. E eis que surge uma história possível e a criação de um espaço de empatia, onde a memória emana sem nomear, onde a história está presente sem uma pretensão de verdade – aquilo que Sarlo diria a propósito do romance *El Entenado* (1983), de Juan José Saer, em *Tiempo Pasado* (2005): às vezes, é a literatura quem mais habilmente conta sobre a *historia*.

A EVOCAÇÃO DA MEMÓRIA PELA NARRATIVA FICCIONAL – ANÁLISE DE LA IDENTIDAD PERDIDA

O romance *La Identidad Perdida* conduz o leitor, através da ficção, a uma Espanha sob a ameaça do militarismo após a vitória republicana pela Frente Popular, em 1936. Através do personagem principal, Cosme, que naquele maio de 1936 estava no auge dos seus nove anos, o leitor acompanha, sob o olhar da infância, temas que vão do fascínio pela descoberta de um mundo novo – período em que Cosme sai da zona rural de Almazán (Soria) para uma temporada de férias escolares em Madri, onde vivia o seu irmão mais velho – ao horror da vivência da guerra e à solidão do desterro, ao ser enviado, junto com quase 500 pequenos espanhóis, para a cidade de Morélia, no estado mexicano de Michoacán.

Lola Moreno aventura-se a contar esse capítulo do exílio republicano no México por uma via de liberdade de criação, que se mostra, ao mesmo tempo, uma forma eficaz de dar a conhecer detalhes dessa temática com o leitor. Retomando a análise de Sarlo, a ficção faz as vezes da história no tocante a aproximar leitor a uma possível vivência de experiência. Diferentemente da maioria das narrativas de retomada do tema do exílio, em que os autores, em sua maior parte filhos e netos de exilados, sentem-se impelidos a voltar ao passado para conectá-lo às suas identidades presentes, com Lola Moreno, a vinculação ocorre de outra maneira. O vínculo que cria com o tema surge quando passa uma temporada de três anos no México e lá entra em contato com algumas daquelas crianças de Morélia. Sente-se movida e impelida a contar aquela história.

Através de outro personagem protagonista da primeira parte, Antonio, irmão mais velho de Cosme, desenrola-se a memória da organização partidária operária naquele 1936, ano dividido entre o êxtase pela instalação da República e a ameaça fascista na Espanha,

reflexo do que já se concretizava nos seus vizinhos Itália, Alemanha e Portugal. Antonio, que havia chegado a Madri uma década atrás, e que trabalhava desde então como padeiro, há alguns anos havia-se filiado ao Partido Comunista Operário. Como grande entusiasta da causa, participava ativamente das reuniões do Partido. Através desses encontros, narrados por Lola Moreno, o leitor entra no imaginário da juventude operária, que batalhava pela causa republicana e que se tornaria, mais adiante, alvo fácil dos detratores da República. A propósito deste romance, como bem descreve Malvina Guaraglia ao falar da literatura de denúncia social,

los grupos subalternos van apareciendo como portadores de diferencias que es presentada ahora en términos positivos, a través de una imagen humanizada y cercana capaz de cuestionar los estereotipos y prejuicios con que fueron construidos en el imaginario colectivo (102-03).

A PERDA DA INOCÊNCIA I: MEMÓRIAS DE GUERRA

La Identidad Perdida é também um romance sobre o fim forçado da infância. Através da sucessão de eventos, o leitor acompanha a perda de inocência de Cosme, que, poucos meses depois de sua chegada de férias a Madri, vê-se confinado numa cidade em combate, com bloqueios de entrada e saída, sem poder retornar à sua cidadela e sem ter contato com o resto de sua família. A intensidade dos conflitos e tudo pelo que passa criam no leitor a dimensão do imaginário de uma criança que vivencia um conflito de extrema violência:

Una noche, los aviones hicieron oír su zumbido penetrante, anunciando que inmediatamente comenzarían a lanzar sus armas mortíferas. Los vecinos del número 22 de Leganitos estaban reunidos en la portería, como el resto de los habitantes de los distintos bloques, y desde allí oyeron el impacto de una bomba que había caído muy cerca. Los gritos eran desgarradores, tanto que Cosme tuvo que taparse los oídos. Para él era mucho peor ver el terror de las personas que el soplido de los proyectiles o el sonido de su choque sobre el asfalto y los edificios. Cuando todo terminó, salieron a la calle y comprobaron que dos bombas

habían impactado directamente sobre el bloque vecino. El balance fue de dieciocho muertos y otros tantos heridos. Enseguida se organizó una brigada de los propios vecinos para sacar los cadáveres de entre los escombros. En la penumbra iluminada por las llamas, Cosme, que lo miraba todo, vio cómo dos hombres sacaban a una mujer, agarrándola por los brazos y las piernas. Cuando se dio cuenta de que la cabeza de la víctima estaba sujeta al resto del cuerpo tan sólo por uno de los tendones del cuello, del que manaba sangre a borbotones, sintió tal horror que empezó a gritar histérico, presa del pánico, sin saber adónde ir o hacia dónde mirar (Moreno 78).

Vivendo em uma Espanha já em guerra, Cosme, longe do irmão, que estava na frente de combate republicana, e em constante conflito com María, sua cunhada grávida, a quem viera para fazer companhia nos últimos meses de gestação, começa a travar uma batalha interna. María, alcóolatra, descontava em Cosme a sua frustração pelo casamento falido com Antonio. Este aguardava o nascimento do filho para pedir a separação e assumir um romance extraconjugal com uma companheira do Partido. Em uma Madri sob constate bombardeio e jogado à própria sorte, Cosme tem o seu primeiro contato profundo com a solidão:

Ante la indiferencia de María, el muchacho se sentó en una de las sillas de la portería e intentó calmarse. Cuando más o menos lo consiguió, fue hacia el fregadero, se echó agua fría en la cara y sin decir ni media palabra, se tumbó, así vestido como estaba, en uno de los colchones que María había preparado en la portería para dormir. Pasó la peor noche de su vida, aunque sacó conclusiones definitivas: Cosme comprendió que estaba completamente solo, que tenía que aprender a protegerse e intentar sobrevivir. No tenía que dejarse llevar por los sentimientos, ni las emociones, ni mucho menos por los nervios, que debía mantener a raya. (Moreno 79).

O livro constrói, aos poucos, ao edificar o cenário da guerra e a consequência do conflito no dia a dia de jovens e crianças, o

imaginário dos pais, que encontravam, na possibilidade do envio dos filhos ao exterior, um interregno na angústia de perdê-los definitivamente para a guerra:

Cuando las madres de los otros chicos fueron a verla aquella tarde, Carmen estaba amortajada con una sábana blanca y yacía sobre la cama de sus tíos, esperando que el carro viniera a recogerla para enterrarla en la Sacramental de San Justo. El piso era muy pequeño, así que el velatorio se había improvisado en el comedor. Habían colocado muchas sillas, todas en círculo para que se pudieran sentar los que iban a dar el pésame. El comentario siempre era el mismo.

— Pobres criaturas, ellos son los más débiles y si no mueren por las bombas, lo harán por el hambre y las enfermedades: con tanto muerto, se van a levantar epidemias, ya verán.

— He oído decir a mi marido que la Junta de Defensa de Madrid está preparando una evacuación masiva de niños a lugares más seguros —anunció una mujer del bloque al lado. Creo que están preparando nuevas colonias por la zona de Cataluña, e incluso también en el extranjero, y que allí piensan mantenerlos hasta que termine esta pesadilla de la guerra.

— Desde luego, si lo hacen, yo mandaré a los míos; no quiero que sigan sufriendo y viendo estas muertes tan horribles. En cualquier momento le toca a cualquiera de nosotros.

— Por lo menos tendrán comida y atención sanitaria — afirmó una de ellas.

— Y podrán ir a la escuela, que ahora ni eso —terció otra (Moreno 87).

Este foi, meses depois, o destino de Cosme, que, à revelia, segue para Barcelona e em seguida para Bordeaux, na França, de onde começaria a sua jornada ao México.

DO EFEITO DE REAL AO ROMANCE HISTÓRICO: O FATO COMO EIXO DA TRAMA FICCIONAL

Os meandros do processo de construção desse romance se deixam perceber à medida que os dados factuais passam a dar forma à

arquitetura da trama. É necessário mencionar que o romance se vale da incorporação de fatos e eventos históricos à narrativa para estabelecer não só o efeito de real, como para endossar o fundo de verdade, conformando o papel social de evocação de memória daquilo que narra. Menciona, por exemplo, datas precisas, eventos reais, detalhes técnicos, como o local do alojamento das crianças e jovens e o perfil da expedição que acompanharia este grupo no navio – formada por 12 professores, três enfermeiras e um médico –, especificações do navio, no qual as crianças viajavam na segunda e terceira classes (a primeira era ocupada por outro grupo de passageiros, sem relação com aquela expedição), associações beneficentes envolvidas no processo de traslado – como a Infancia Evacuada e o próprio Comité de Ayuda a los Niños del Pueblo Español –, políticos e personalidades engajadas na causa da criança e juventude em vivência de guerra, a fim de compor a mensagem de aproximação entre público leitor e romance histórico, como se pode notar na seguinte passagem:

La tarde de 6 de abril de 1937, todos los que formaban parte de la ejecutiva mexicana del Comité de Ayuda a los Niños del Pueblo Español estaban muy atareados. Los preparativos para el acto que se celebraría esa noche en el Palacio de Bellas Artes para anunciar a la prensa y a toda la sociedad mexicana la llegada de los niños españoles los tenían ocupados de un lado para otro (Moreno 90).

Isso deixa claro, além do trabalho de pesquisa testemunhal, um cuidadoso trabalho de arquivo, que permitiu entretecer à trama um passado pontual, validando não só a retomada dos eventos passados, mas também a própria técnica narrativa de jogo temporal entre o tempo da vivência e a retomada da consciência: um tempo de rememoração, passados mais de 70 anos.

Percebe-se, por exemplo, a leitura dos boletins confeccionados pelo Comité de Ayuda a los Niños del Pueblo Español, que hoje servem de instrumento para o recontar desse evento por parte da narrativa histórica. Lola Moreno executa um trabalho de arquivo que confirma e localiza com precisão os eventos que a rememoração muitas vezes não consegue por si realizar. No entanto, somente o estreito trabalho de quem construiu uma ponte de confiança para colher depoimentos é capaz de revelar os detalhes pormenorizados, as

dores mais ocultas, que não cabem em espaços de boletins, os quais às vezes se limitam a trazer a narrativa sob a ótica da superação: as crianças que chegaram aos exílios como um drama que termina, e não como a transição de um problema a outro. O romance, por seu turno, realiza a transição de dramas – o fim da infância em situação de guerra dá início a um outro: a ausência dos pais, a incerteza do retorno à pátria, as agruras de viver de certa forma à própria sorte.

PERDA DE INOCÊNCIA II: SOLIDÃO E ABANDONO NO EXÍLIO

A angústia pelos dramas de se viver em estado de guerra foi substituída por outras: saudades, ausência, incertezas. As despedidas já antecipam essas outras dores que passariam a se formar:

Había muchos niños con sus padres, que también había acudido a despedirlos. La escena era desgarradora: chicos de todas las edades – desde los tres años hasta los catorce o quince –, cuyos padres, ante el miedo a los bombardeos, se habían hecho eco de la propaganda que a todas horas se escuchaba por la radio: “Inscriban a sus hijos a la expedición a México para salvar a la infancia del horror de las bombas”. Algunos habían llegado a falsear los datos de las fechas de nacimiento, para apuntar a tres o cuatro hermanos juntos cuyas edades no correspondían a las condiciones requeridas. También se veían niñas de diez años que hacían de madres, forzosas y precoces, de sus hermanos pequeños, para escapar de la guerra. Esa mañana, el sonido de los sollozos de niños y padres logró ahogar el silbido de los obuses (Moreno 97).

O romance problematiza essas garantias e antecipa as agruras numa voz dissonante. As certezas dos pais se opunham à incerteza de uma das professoras que acompanhariam as crianças naquela expedição:

Después de todo, no sabía qué era peor: verlos morir día a día o enfrentarse a las crueles despedidas de sus familias. Optó por lo segundo y ahora se encontraba en aquel convoy de esperanza, pero también de futuro incierto, tratando de ser fuerte y sobreponerse a la profunda tristeza

que emanaba del rostro de los niños. Loreto se quedó unos minutos mirando al horizonte y maldiciendo una vez más en su fuero interno esa maldita guerra, responsable de una de las desgracias más crueles de este mundo: separar a un niño de su madre (Moreno 99).

Restava a esses jovens, depois de dolorosa despedida e frente a um estado de orfandade, construir novas redes de proteção, afeto e acolhida. Essa reestruturação familiar muitas vezes se estabeleceria pelos próprios vínculos que eles começaram a formar uns com os outros. É assim que o romance exemplifica isso ao unir as histórias de Cosme e Amparo, jovem cuja única irmã havia sido morta em um dos bombardeios, e que, como ele, estava ali também à revelia. Une-os o último grande medo no velho continente. Antes de o comboio em que estavam cruzar a fronteira da França, enfrentam mais um bombardeio. Cosme a segura pela mão e promete cuidar dela dali em diante. Essa promessa selaria o destino de ambos para o resto de suas vidas.

Tanto a primeira como a segunda parte do livro compartilham a mesma técnica. Abre esse fragmento da narrativa, também, a lembrança de um Cosme já velho, no ano de 2009, ainda no hospital, recuperando-se, inclusive em termos de memória, do acidente cuja motivação e consequências o leitor a este ponto ainda desconhece. Tal como um *flashback*, o leitor recobra a memória do passado de Cosme no México, ao passo que ele próprio também o faz. A promessa de fidelidade a Amparo, naquele episódio de bombardeio próximo ao trem que levava as 500 crianças refugiadas à França, cumpre-se integralmente. O que levava Cosme ao hospital, passados quase 70 anos daquela fuga, foi a trágica morte de sua então esposa Amparo e do único filho do casal, Honório, num acidente de automóvel na Cidade do México, onde, depois de finda a temporada em Morélia, fixaram residência por toda a vida.

Também ainda sobre a técnica, a segunda parte do livro segue o seu propósito de junção entre a memória viva do testemunho e a memória arquivista do detalhe do fato. Confunde-se, como se pode notar mais adiante, quando do detalhamento da logística envolvendo o transporte das crianças, ora com o ensaio, ora com a reportagem, bem ao estilo da sobreposição de gêneros, tão caro ao romance moderno:

Distribuirlos en los camarotes no fue nada sencillo. Los que se habían conocido en el tren querían seguir juntos y compartir camarotes, mientras que los maestros pretendían separar los chicos de las chicas. Aquello suponía un drama, pues equivalía a tener que separar a hermanos de hermanas, que por la diferencia de edad casi siempre dependían uno del otro. No es que los cuidadores estuvieran a favor de esa segregación sexista, sino que eran varios días de travesía y como ahora estaba claro que algunos de los mayores habían falseado la edad para ser admitidos, no parecía muy recomendable que chicos y chicas de más de dieciséis años compartieran habitación (Moreno 119).

Aborda, também, os pormenores. Explora outra narrativa, outro lado da história, pouco tratado até então pelos relatos históricos, pelo documentário e, inclusive, pelo próprio relato de testemunho¹:

En los días sucesivos, el mareo fue cediendo, y la monotonía de los días y el paisaje dieron paso a la conciencia de la propia soledad, y, sobre todo, del abandono. Lejos de calmarse, los pequeños cada vez añoraban más a sus padres, pero los profesores – a lo que todas las familias habían encomendado a sus hijos – acabaron desentendiéndose por completo. Se camuflaron con los viajeros de la primera clase y se dedicaron a tomar copas y gozar de las comodidades y de la buena comida hasta la llegada a Veracruz. Sólo hubo tres excepciones: un matrimonio de maestros formado por el señor Méndez y su esposa, y la señorita Loreto, que se portaron con los más pequeños con verdadero afecto y cariño. La desatención de los cuidadores del grupo provocó que la anarquía, el abuso de los mayores hacia los más pequeños, el pillaje y la indecencia camparan a sus anchas durante toda la travesía (120).

São detalhes dessa natureza que a história revela e segue revelando, como toda sorte de privações vividas no abrigo, que iam do alimento racionado à falta de calçados. Dos parasitas nos colchões ao frio por falta de cobertas e da água sempre gelada do banho, de verão a inverno. Da disciplina austera aos corriqueiros castigos físicos. Das

torturas físicas e morais devido aos excessos às mortes dentro dos limites da própria instituição. Das disputas entre os próprios albergados e da formação de pequenos bandos a quem se devia respeito e a quem se entregava tudo o que se tinha com o propósito de obter proteção. A descrição do abrigo mostrava-se pior que a de um regime prisional. Estar sob essa tutela do Estado demonstrava-se uma forma de viver em uma “zona de absoluta indeterminación” (Agamben 94).

Como numa travessia sem perspectiva real de mudança – do cenário de guerra às privações da viagem e da vida nas casas-lar, passaram então, da noite para o dia, a viver à própria sorte, como anuncia, no romance, o diretor da instituição:

El dinero que contribuía al mantenimiento de estas casas, que han representado vuestros hogares en estos dos años, se ha terminado: ya no contamos con ningún apoyo económico, ni del Gobierno mexicano, ni de los fondos que trajimos de España, y por tanto, a partir de la semana que viene, tendremos que ir abandonándolas. Os daremos la cama y cincuenta pesos a cada uno. Sé que es muy poco, pero creedme, no hay nada más. Con eso tendréis que buscaros un lugar donde vivir y un trabajo para poder ser autosuficientes (Moreno 221).

E assim passaram a viver por conta própria. Alguns prosperaram, como Cosme e Amparo nessa ficção. Muitos viveram sempre em estado de pobreza². Este romance dá uma boa percepção desse processo, dando vida e visibilidade a essas memórias, feitas por meio de um importante trabalho de urdidura de testemunhos e um forte trabalho de pesquisa factual. E, claro, sempre com o cuidado, que requer tempo e dedicação, de se chegar a fundo nas lembranças do exílio. O trabalho de Lola Moreno permite essa aproximação do leitor comum a detalhes técnicos que interessam também ao leitor especializado. Põe em prática a lição que prega Sarlo, de uma literatura que ensina e professa a memória sem o afã de fazê-lo. Faz-se pelo exemplo, pela história que, sem ser *história*, dá vasão a uma experiência possível.

Notas

1. O documentário *Los Niños de Morelia*, de Juan Pablo Villaseñor (2004) e o relato testemunhal *Los Niños Españoles de Morelia: El exilio infantil en México*, de Emeterio Payá Valera (1985), também entram em detalhes desse outro lado da história.

2. Para aprofundar-se no tema, uma importante recopilación dessas histórias se pode encontrar no livro *Los Niños de Morelia: un estudio sobre los primeros exiliados españoles en México*, de Dolores Pla Brugat. O livro se estrutura a partir dos relatos desses primeiros exilados republicanos coletados pela autora entre os anos de 1979 e 1981.

Obras citadas

- Agamben, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Boitempo Editorial, 2008.
- . Qué es un campo?. *Revista Nombres*, Extermínio I, Número 10. Universidad Nacional de Córdoba, 1997. Trad.: Diego Tatián.
- Boletín del Comité de Ayuda a los Niños del Pueblo Español*. Número 3. México, D.F.: Setembro/1937.
- Brugat, Dolores Pla. *Los Niños de Morelia: un Estudio sobre los Primeros Refugiados Españoles en México*. INAH, 1985.
- Guaraglia, Malvina. “Derechos Humanos, Cultura y Literatura: Un Ejemplo en la Narrativa de Denuncia Social Latinoamericana”. *Revista Latinoamericana de Derechos Humanos*, n. 28., vol. 2, Costa Rica, 2017.
- Jelin, Elizabeth. *Los Trabajos de Memoria*. Siglo XXI, 2002.
- Los Niños de Morelia*. Dirigido por Juan Pablo Villaseñor, Arte 7 e Hermanos Films, 2004.
- Medeiros-Lichem, María Teresa e Rosa Tezanos-Pinto. “Introducción: Derechos Humanos y Literatura. *Confluencia*, número 29, vol. 1, Greeley, 2013.
- Moreno, Lola. *La Identidad Perdida: La historia oculta de los niños de Morelia*. Umbriel, 2010.
- Pedruza, Rafael. “Los niños españoles en México”. *Boletín del Comité de Ayuda a los Niños del Pueblo Español*, número 3. México, D.F.: Setembro/1937, p. 7.
- Sarlo, Beatriz. *Tiempo pasado: Cultura de la Memoria y Giro Subjetivo - Una Discusión*. Siglo XXI, 2005.
- Szurmuk, Mónica. “Posmemoria”. *Diccionario de Estudios Culturales Latinoamericanos*, coordinado por Robert M. Irwin e Mónica Szurmuk. Siglo XXI, 2009, pp 224-27.
- Valera, Emeterio Pavá. *Los Niños Españoles de Morelia: El Exilio Infantil en México*. Editorial Milenio, 1985.